

Dança do ventre: Re-significações do feminino?¹

Dra. Maria do Carmo Saraiva e Julieta Furtado Camargo (UFSC)

Palavras-chave: Dança do ventre; Re-significações do feminino; Enfoque fenomenológico.

ST 67 – Gênero, práticas corporais e esportivas.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é a compreensão de significados e re-significados dados à Dança do Ventre (DV) por bailarinas/professoras na cidade de Florianópolis-SC. Para contextualizar esta temática neste seminário, lembramos que a Dança é uma prática corporal integrante da Educação Física e está inserida nos conteúdos da Educação Física desde sua implantação na educação. Segundo Sayão (2002, p. 90), a Educação Física “nasce para abarcar práticas corporais pertencentes a um mundo reconhecidamente masculino”. Como está, portanto, a DV inserida nesse contexto? Sendo uma prática corporal voltada tradicionalmente às mulheres, a DV sofre por não conseguir o interesse dessa vertente masculinizada da Educação Física e que se volta aos esportes. Os estudos sobre gênero podem contribuir para a área como forma de “desvelamento de relações de poder entre masculino e feminino, que sempre existiram em detrimento do valor social da mulher” (SARAIVA, 2002, p. 81) e trazendo à luz a importância da descoberta da ‘identidade feminina’ como *autenticidade* em detrimento de outras relações, como por exemplo, de possível submissão ao gênero masculino.

2. Metodologia

Essa pesquisa pode ser caracterizada como exploratória, tendo em vista os poucos estudos sobre o tema, mais ainda ao se considerar a delimitação que se coloca. É uma pesquisa qualitativa, com um enfoque fenomenológico, o qual se baseia na estrutura prévia da compreensão, no pré-reflexivo, na ontologia; seu objetivo é que o ser ou a coisa se revele por meio da participação e abertura ao outro e ao mundo. O estudo foi realizado entre profissionais (bailarinas e professoras) que atuam em Florianópolis na área da DV, utilizando-nos de entrevistas semi-estruturadas para a coleta de dados e atendendo à lógica de localização de *sujeitos significativos* que se proponham a narrar suas experiências dentro do tema proposto (MEKSENAS, 2002). Neste artigo se apresenta a compreensão, o conhecimento apreendido, das entrevistas de seis profissionais do sexo feminino que realizam

apresentações artísticas de DV, em festas, restaurantes ou outros eventos e também já foram, ou são, professoras de DV. Essas profissionais foram selecionadas por terem uma experiência, tempo de dança variado entre 6 e 15 anos, o que as torna *significativas*.

Conforme Laville e Dionne (1999, p. 219), os estudos de caráter exploratório pedem um modelo aberto para a análise, onde as categorias não são fixas, tomam forma no curso da própria análise e a abordagem é indutiva. Assim se deu a categorização do conteúdo das entrevistas, buscando agrupar as unidades de significados de maneira mais geral e, posteriormente, em categorias mais específicas de análise.

3. Em busca de significados: analisando a prática da DV em Florianópolis-SC

Extrair os significados e o modo como eles foram se conformando deu-se de maneira relacional, de modo que não se pretendeu, aqui, definir um significado fechado para a DV, mas sim, refletir sobre os vários significados dados a partir do que trazem as bailarinas participantes.

Um dado que apareceu com frequência nas falas das bailarinas foi uma ligação da DV atual com sua origem nos rituais sagrados, onde a dança era realizada com um caráter espiritual, louvando às deusas da antiguidade, com objetivo de tornarem-se mulheres férteis e também tornar a terra fértil para as lavouras. As participantes afirmam que a DV é uma forma de celebrar, exaltar a vida, de ligar a mulher à sua natureza, aos seus ciclos naturais, menstruação, gravidez, menopausa, os ciclos de fertilidade da mulher, uma ligação da mulher com seu corpo.

É nesse ponto que se dá a principal manifestação da DV para essas bailarinas, todas afirmam que a DV é a dança da mulher, ou a dança feita para a mulher, ou então, a dança do feminino, ou uma dança de todas as mulheres. Essas manifestações vêm de encontro com a idéia de Salgueiro e Guedes (2002) quando afirmam que a DV no Brasil tem uma qualidade de empoderamento da mulher. Percebe-se que, quando a mulher, a bailarina, a professora transmite a idéia de que a DV é uma dança feminina ou feita para o corpo da mulher, elas estão, de certa forma, se apropriando dessa dança e utilizando-a para reforçar sua identidade feminina. É interessante esclarecer aqui, que se diferencia o caráter biológico do social, diferencia-se o sexo do gênero.² Nas abordagens sobre o tema, as bailarinas entrevistadas demonstram algumas vezes dar o mesmo significado ao que é biológico e ao que é construído, no que interpreto que as bailarinas dão à DV ambos os significados. Porém, dizer que a DV é uma dança da mulher é diferente de dizer que é uma dança do feminino. Ao caracterizar a DV como uma dança da mulher, feita para *o corpo da mulher*, excluem-se, então, os homens de sua prática. Já ao caracterizá-la como a dança do feminino, o homem que busca tornar-se mais feminino socialmente poderá então se utilizar dela para o fim desejado.

Essa característica de *dança da mulher* pode ser associada pelas qualidades que a DV tem de oferecer às praticantes um bem estar físico em relação às funções ovarianas, diminuição e alívio de cólicas menstruais, preparo do corpo para gravidez e parto, etc (BENCARDINI, 2002). Essas são particularidades³ que existem na DV e podem significá-la como uma prática exclusiva de mulheres.

As bailarinas entrevistadas apontaram, paralelamente às transformações físicas que ocorrem no corpo das mulheres que praticam a DV – incluindo que esta prática é importante para a saúde da mulher,⁴ por trazer o bem estar, energizar o corpo, relaxar, desenvolver a consciência corporal, trabalhar os órgãos reprodutivos, melhorar a postura corporal, etc –, uma transformação interna, psíquica. Essas transformações no corpo da pessoa que dança, que envolvem a beleza de formas, também envolvem a beleza encontrada quando a pessoa se sente única, quando ela encontra na sua individualidade o poder de se conhecer e se sentir bem com “o corpo que tem”.⁵ A mulher passa a se aceitar fisicamente, expressando esse aceitação e confiança na maneira como se coloca no mundo.

Isso se expressa em autoconhecimento, segundo elas, o mesmo que é afirmado por Bencardini (2002) ao dizer que há um benefício oculto para as praticantes da DV, “um autoconhecimento e desenvolvimento pessoal” que, diferente do conhecimento da propriocepção, buscam a perfeição em vários aspectos da vida humana. Essa transformação relativa ao processo interior, do autoconhecimento, do encontro com a própria identidade, se identificar com o ser mulher, gera uma auto-suficiência, um respeito maior por si mesma, um equilíbrio necessário para a mulher contemporânea. Como afirma Penna (1993, p. 167): “a mulher está saindo do útero social, contestando os valores e padrões de comportamento” e o contato com o próprio ventre pode elevar e facilitar esse processo de conscientização. Outra transformação unanimemente associada à DV pelas bailarinas desse estudo foi o aumento da auto-estima, expressa em sensações como: autoconfiança, autoconhecimento, autonomia, fortalecimento da identidade, prazer do movimento, sensualidade, felicidade, tranquilidade. Além da auto-estima, se reconhece nas falas como parte da experiência das entrevistadas, a manifestação da dança no processo de construção da pessoa.⁶

Entre esses sentimentos sugeridos pelas entrevistadas, surge a idéia da sensualidade na DV, vivenciada pela pessoa que dança. Essa sensualidade, ou outras idéias similares como sedução, dança sedutora, dança erótica, aparece muitas vezes durante as falas, de todas as entrevistadas. A idéia da sensualidade na DV vem atrelada a um manifesto receio por parte das entrevistadas. Possivelmente, isso se deve ao fato de que quando se fala em dança sensual, ou poesia, arte sensual no Brasil, pode haver uma conotação de *pornografia*. Ao pesquisar a palavra ‘sensualidade’ no *Google*,⁷ inúmeros sites pornográficos apareceram. A pornografia está vinculada a uma sensualidade vulgarizada na qual a mulher é objeto, ou vincula-se à prostituição. No que remete às idéias das bailarinas em relação à

sensualidade encontrada na DV, há uma distinção de objetivos propostos por quem dança. A mulher pode utilizar a dança com um intuito de seduzir alguém que está assistindo, o que pra essas profissionais representa um objetivo diferente dos que elas têm em suas apresentações e shows como bailarinas do ventre. No ato de seduzir pela dança reside o arquétipo da *femme fatale*, da Salomé,⁸ da mulher diabólica. Parece que esse lado da sedução sexual não é o que essas bailarinas vêem como a sedução da DV.

Os termos *sensualidade* e *sensualismo*,⁹ quando focados do prisma filosófico, significam entregar-se aos *prazeres sensíveis*, ou *prazeres do sentido*, atribuindo aqui à palavra *sentido* o significado de *sensação* ou *desejos sexuais*. O termo *graça*,¹⁰ dito por uma bailarina do estudo no seu entendimento da sedução da DV, possui um significado filosófico que pode ser traduzido por uma espécie de *beleza em movimento*, que se caracteriza por **aparentar** facilidade, harmonia, delicadeza e expressividade. Talvez a sensualidade que é reconhecida por essas bailarinas como a sensualidade da DV seja proveniente desse *estado de graça*. Essa sensualidade aparece numa expressão de mulheres doces, meigas, graciosas.

Como expressão artística, as participantes reconhecem haver um estudo da técnica, das músicas, respeito a certas normas, estudo de conhecimentos teóricos, conhecimento de figurinos apropriados, assim como um conhecimento do planejamento de apresentações cuja finalidade pode ser para festas a espetáculos em teatros. Conforme uma das participantes declara, a DV no Brasil está tomando um rumo de reconhecimento artístico com grandes festivais pelo país, principalmente em São Paulo, e o surgimento de grandes escolas. Aos poucos, a DV passa a ser apresentada e apreciada como espetáculo cênico, com grande participação do público, e as classificações de dança artística, de representação, cênica e de espetáculo se caracterizam por envolver um processo formal de aprendizagem, como treinos, técnicas próprias, aulas, ensaios, etc. (PEREIRA, HUNGER E NETO, 2006).

Apesar de se configurar como uma dança artística segundo os critérios acima (e a compreensão das bailarinas desse estudo), Pereira, Hunger e Neto (2006) alertam para uma preocupação: que a DV no Brasil não é vista com um olhar sério o que proporciona uma visão empobrecida e distorcida da arte cabendo-lhe apenas o papel de dança sedutora. Conforme as entrevistadas a DV tem sido vista como uma dança de menor valor artístico. Segundo o que as bailarinas desse estudo relatam de suas experiências, o público parece manter uma postura dividida e muitas vezes demonstram confusão. Esse público parece compreendê-la diferente de como as bailarinas desse estudo a compreendem e passa pela incompreensão da arte um olhar discriminatório e preconceituoso. A DV, portanto, nem sempre é vista como forma de arte.¹¹ Construindo o significado

em conjunto com a bailarina, aquele que é espectador da dança pode ser co-responsável pela visão geral que existe em relação a ela. Tanto o olhar de quem assiste quanto a intenção da bailarina são determinantes para dar um significado à dança apresentada. Por reconhecer essa relação presente nos relatos ouvidos se mostra importante o esclarecimento quanto à prática artística dessa dança.

Uma das entrevistadas compara a bailarina do Brasil e a bailarina do Oriente, colocando de forma generalizada que no Ocidente (Florianópolis) não se entende a dança como arte, diferente de como acontece no Oriente.¹² Essa visão de que a DV é respeitada nos países orientais é relativa. Reis (2007, p. 35) aponta para um paradoxo quando afirma que a bailarina profissional no mundo islâmico “se encontra presa em sua liberdade”, pois a dança lhe permite independência financeira e liberdade sexual, mas esses são valores considerados imorais para uma mulher inserida na cultura islâmica. Nesse sentido, faz-se necessário relativizar sobre o Mundo Muçulmano que está sendo tratado, mas o paradoxo apontado mantém sua validade ainda assim. As declarações das entrevistadas são pertinentes entre si e parecem atentar para um aspecto relevante da questão de gênero na DV dentro do contexto dos países árabes. Mas falar de uma outra cultura nesse caso é meramente cogitar hipóteses, porque não há um estudo aprofundado, uma etnografia ou estudo de campo, que tenha dado fundamento para essas suposições. Sendo assim, não podemos considerar essas impressões sobre a DV no Mundo Árabe como um dado que expressa a realidade. Seria nesse caso interessante estudos etnográficos específicos que tratassem dessas relevâncias com maior sustentabilidade.

Um bom exemplo das contradições que podem ser encontradas ao analisar a leitura que temos no Ocidente da DV dançada no Oriente em comparação à realidade vivida no contexto árabe é a DV masculina. Há indícios de que a DV seja originalmente uma dança para ambos os sexos. Cenci (2001) conta que quando os europeus invadiram os países árabes muitos homens passavam-se por bailarinas e tinham uma dança bem-humorada e maliciosa. Considerando que essa dança era feita por homens anteriormente, no seu contato com a outra cultura (a ocidental) essa característica se perdeu, ganhando então a DV caráter de dança só para mulheres. Pelo menos no contexto onde as bailarinas desse estudo estão inseridas, pois é unânime a posição delas de que essa é uma dança feminina, uma dança para a mulher. Em geral, elas demonstram uma abertura, dizendo que os homens possuem liberdade artística. Porém, as expressões das bailarinas sempre rejeitam a DV masculina. Contudo, citam exemplos de que nos países árabes os homens dançam, são coreógrafos, dão aulas de DV e admitem que não existe preconceito (apesar de também admitirem que nesses países os homens não realizam apresentações públicas). Outra informação sobre a DV masculina, presente nas entrevistas, é a de que no Brasil os homens que procuram a DV são, na sua maioria, homossexuais.

Temos então, vários âmbitos que se relacionam dando diversos significados à DV praticada por essas mulheres entrevistadas que, de forma resumida são: **Celebração da vida** – Ligação da DV atual com sua origem em antigos rituais sagrados, onde a dança com um caráter espiritual, era instrumento para louvar às deusas, com objetivo de tornar as mulheres férteis e também tornar a terra fértil para as lavouras. **Dança da mulher, do feminino** – Quando a mulher, a bailarina, a professora transmite a idéia de que a DV é uma dança feminina ou feita para o corpo da mulher, elas se apropriam dessa dança e utilizam-na para reforçar uma identidade feminina. **Dança transformadora** – Transformações: Físicas (benefícios para o corpo da mulher); Psíquicas (aumento da auto-estima, aceitação “do próprio corpo”, coloca-se melhor no mundo); Autoconhecimento (descobrir-se, conhecer-se). **A sensualidade da DV** – Possui uma sensualidade própria, doce, meiga, graciosa. No Brasil a palavra sensualidade pode se associar ao pornográfico. Porém, as bailarinas desse estudo não têm esse objetivo em suas apresentações. **A DV sob o olhar da arte** – É classificada como dança artística, pois há um estudo da técnica, das músicas, dos figurinos, respeito a certas normas, conhecimentos teóricos e artísticos, planejamento de apresentações desde festas a espetáculos em teatros. **A DV sob o olhar do outro** – Tanto o olhar de quem assiste quanto a intenção da bailarina são determinantes para dar um significado à dança apresentada. O público no Brasil parece compreendê-la muitas vezes com discriminação e preconceito. **A DV nos países árabes** – Ela vive um paradoxo; as bailarinas convivem com um preconceito de acordo com o que as entrevistadas têm conhecimento, mas ao mesmo tempo são idolatradas pela população. **A prática da DV por homens** – Há indícios de que a DV seja originalmente uma dança para ambos os sexos e no seu contato com a cultura ocidental essa característica se perdeu, ganhando então a DV caráter de dança só para mulheres.

4. Considerações finais

Este estudo não pretende ser conclusivo da totalidade das significações da DV no contexto contemporâneo, não só porque se faz necessária a continuidade desta e de outras pesquisas semelhantes, mas também porque este conhecimento é permeado pela consciência e pela subjetividade, categorias inextricáveis de qualquer análise do comportamento no âmbito da cultura, que também não é uma categoria precisa (JOHNSON,1999). De maneira geral, a DV se mostrou ser re-significadora do feminino, pois ganhou esse significado ao longo de sua história e é assim que estas mulheres que trabalham com ela em Florianópolis a vêem. É possível que em outras regiões do país e do mundo isso aconteça de outro modo. A DV, segundo essa pesquisa, passa por um processo de aprendizagem, onde existe uma técnica própria, onde existem estudos teóricos e conteúdos próprios, que devem ser de

conhecimento daquela que pretende ser profissional. Todavia, para as bailarinas entrevistadas, além de ser uma arte, a DV parece ser, sobretudo, um caminho para o auto-conhecimento.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENCARDINI, P. **Dança do ventre: ciência e arte**. São Paulo: Texto Novo, 2002.
- CENCI, C. **A dança da libertação**. São Paulo. Vitória Régia, 2001.
- JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: T. T. Silva (org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** (p. 07-131). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- KORITZ, A. Dancing the Orient for England: Maud Allan's *The Vision of Salomé*. In: DESMOND, J. C. (ed.) **Meaning in Motion**. New Cultural Studies of Dance (p. 133-152). London: Duke University Press: 1997.
- LAVILLE, C.; e DIONNE, J. **A construção do saber**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- MEKSENAS, P. **Pesquisa social e ação pedagógica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- PENNA, L. **Dance e recrie o mundo: a força criativa do ventre**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.
- PEREIRA, M. L.; HUNGER, D. A. C. F.; NETO, S. de S. Dança do ventre: uma reinterpretação histórica e suas características atuais. **Anais do X Congresso Nacional de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança e II Congresso Latino Americano de História da Educação Física**. Curitiba, 31 de Maio a 3 de Junho de 2006. CD-Room.
- REIS, A. C. dos. **A atividade estética da dança do ventre**. Florianópolis, 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- SALGUEIRO, R. R.; GUEDES, T. S. Construção do feminino nas danças flamenca e do ventre. **23ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Fórum: Antropologia da Dança e da Música. Gramado, 16 a 19 / Junho de 2002 (Mímeo).
- SARAIVA-KUNZ, M C. **Dança e Gênero na Escola: formas de ser e viver mediada pela Educação Estética**. Tese de Doutorado. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 2003.
- SARAIVA, M. C. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da educação física, esporte e lazer? **Motrivivência**, nº 19; Dez/2002, p 79-85.
- SAYÃO, D. T. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da educação física, esporte e lazer? **Motrivivência**, nº 19; Dez/ 2002, p 87-95.

¹ Pesquisa realizada no segundo semestre de 2007, na cidade de Florianópolis-SC.

² Sexo se refere às características biológicas enquanto gênero se refere às características sociológicas culturalmente definidas.

³ Que nesse “texto” também são generalidades, universalidades da DV.

⁴ Uma saúde global, senso-corpórea.

⁵ Não que se tenha uma visão dualista do ser humano, mas entendemos que na linguagem regular usamos tais expressões para distinguir entre as idéias de: sentir-se bem como um todo e não se aceitar muito bem fisicamente.

⁶ Nesse processo de construção da pessoa se dá a construção do feminino por meio da DV.

⁷ Site de buscas na Internet. www.google.com.br, acessado em novembro de 2007.

⁸ Amy Koritz (1997) faz uma análise desse olhar que vê na dança oriental a dança da mulher sedutora, baseado em estereótipos de formas de dança que se associam à mulher e/ou às culturas inferiores. É o olhar ocidental que vê “o outro”, de certa forma como primitivo ou inferior, mesmo que exótico e espetacular.

⁹ ABBAGNANO, 2000, p. 873-874.

¹⁰ ABBAGNANO, 2000, p. 488.

¹¹ O público pode influenciar o significado da dança apresentada, pois, assim como as vivências da bailarina constroem o que é para ela sua dança, as vivências do espectador constroem o significado para ele da dança assistida. O que é percebido pelo espectador pode ser diferente do que é comunicado pela bailarina (SHEETS-JONHSTONE apud SARAIVA-KUNZ, 2003).

¹² As entrevistadas, por vezes, generalizaram o que é o Oriente, querendo dizer os países onde a DV faz parte do cotidiano cultural das pessoas. Vale destacar que existe uma diversidade, um multiculturalismo nessas regiões, e que em algumas falas é demonstrado por algumas bailarinas o conhecimento de particularidades específicas e do cuidado que deve ser dado ao se tratar dessas regiões.